

O português como produto importado e exportado na China¹

Luís Pires

(Doutoramento em Estudos Portugueses – Política de Língua)

Introdução: uma visão pragmática e complementar da nossa língua

Bom dia a todos os presentes em Lisboa e aos que nos acompanham virtualmente. Em primeiro lugar, gostaria de expressar a minha sincera gratidão ao Departamento de Humanidades da Universidade Aberta pelo generoso convite para participar nesta celebração anual da língua portuguesa. Tendo realizado nesta instituição o meu Mestrado em Português Língua Não Materna e estando atualmente a frequentar o doutoramento em Estudos Portugueses, especialidade Política de Língua, é com grande satisfação e honra que tomo a palavra e aproveito a oportunidade de partilhar a minha experiência e visão pessoal da promoção da língua portuguesa na China.

Foi já há 14 anos que, em 2009, rumei à China para me tornar professor de português, nomeadamente na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, como professor enviado pela Universidade de Lisboa. Cinco anos depois, abracei um novo desafio na Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, já como docente do Instituto Camões, lá permanecendo até 2019. E por fim, nos últimos quatro anos, tenho exercido as funções de adido para a educação e cultura na Embaixada de Portugal em Pequim, e simultaneamente representado o IPOR (Instituto Português do Oriente) na capital chinesa.

¹ O presente documento constitui a base textual escrita que orientou a apresentação oral realizada a propósito da celebração do Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023, organizado pelo Departamento de Humanidades da Universidade Aberta. O conteúdo apresentado baseia-se na investigação, à data ainda em curso, levada a cabo no âmbito do Doutoramento em Estudos Portugueses, e subordinada ao tema 'Análise do Atual Planeamento e Políticas de Português Língua Estrangeira na China: Comparação com o Caso do Espanhol Língua Estrangeira e Recomendações para Planeamento e Políticas Articuladas'.

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

O tema da nossa apresentação hoje é “O português como produto importado e exportado na China”. Pode parecer quase um sacrilégio, neste dia de celebração da nossa língua, empregar termos tão ‘prosaicos’ como importação e exportação. Contudo, consideramos que esta perspetiva é uma abordagem pragmática, complementar e essencial para uma visão do que é e do que pode ser a língua portuguesa.

Esta temática é especialmente relevante para todos aqueles envolvidos na promoção da língua portuguesa, particularmente no que diz respeito à sua difusão na China. A sua crescente interação com os países lusófonos apresenta grandes desafios, mas também enormes oportunidades, para o ensino e aprendizagem do português, com implicações diretas para o futuro das relações - diplomáticas, políticas, económicas, culturais e académicas - entre as nações envolvidas.

Assim, com este propósito e neste contexto, procuraremos oferecer resposta sucinta a 3 perguntas:

- Primeiro, em que medida as línguas podem ser produtos importados e exportados? Incluiremos, de uma forma muito breve, a perspetiva do Planeamento Linguístico e das Políticas de Língua sobre esta questão.

- Segundo, por que razão e de que forma a China tem importado a língua portuguesa? Abordaremos as razões pelas quais a China tem demonstrado interesse em promover o português no seu ensino superior, apresentando alguns dados estatísticos que demonstram e nos dão um panorama da situação atual naquele contexto.

- Terceiro, de que forma podem os países de língua portuguesa fomentar a exportação do português para a China? Examinaremos o potencial do ensino de português na China e apresentaremos algumas recomendações com base na nossa experiência no campo e conhecimento dos desafios que se colocam às universidades e institutos ligados à educação que lá atuam.

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

O valor da língua portuguesa

O Dia Mundial da Língua Portuguesa tem sido uma ocasião para celebrarmos o valor da nossa língua nas suas múltiplas dimensões: a vasta diversidade da sua expressão internacional, abrangendo diversos países e territórios; a riqueza viva da cultura e arte que se cria em português; a sua função determinante como ferramenta de educação e progresso científico; o papel crucial que desempenha como elo de cooperação e união entre nações que se aproximam através da língua portuguesa e juntas buscam o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida das suas populações.

De facto, a língua portuguesa constitui um património fluído, em constante evolução, moldado e (des)construído pelas comunidades falantes ao redor do mundo, que lhe atribuem formas e funções que ultrapassam o simples conjunto fixo de palavras e regras gramaticais, e a permitem adaptar-se às necessidades individuais e sociais nos contextos multilíngues e multiculturais do mundo atual.

Também o português, no cenário contemporâneo onde as fronteiras são frequentemente transpostas por fluxos migratórios e interações económicas, vai muito para além dos limites dos países onde é língua oficial, adquirindo novos utilizadores, contextos, dimensões, facetas e valores.

Como podemos então definir este valor? Neste contexto, partimos da perspetiva do planeamento linguístico e das políticas de língua (PLPL), área não só do saber, mas também de ação, firmemente plantada na interseção crucial entre língua e sociedade. Desde a sua origem após a Segunda Guerra Mundial, o planeamento linguístico e as políticas de língua tem procurado soluções para problemas em assuntos relacionados com a língua, através da implementação de ideias, leis, regulamentos, regras e práticas que, como um todo, constituem as políticas de língua, na aceção mais tradicional da disciplina.² Um desses

² Cooper (1989); Kaplan & Baldauf (1997); Spolsky (2004, 2009, 2014).

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

problemas, aos quais governos e instituições se têm dedicado, é precisamente a promoção, ensino e aprendizagem das línguas em diferentes contextos.

Em 1984, quando esta área do saber já contava quase meio século de existência, Richard Ruiz³ identificou duas correntes dominantes no PLPL: a primeira, ‘língua como problema’, buscava soluções práticas para desafios como melhorar as condições de vida através da aprendizagem de línguas, enquanto a segunda, ‘língua como direito’, procurava defender os direitos das minorias e promover a diversidade linguística.

Ruiz propôs uma terceira orientação, ‘língua como recurso’, enfatizando o valor das línguas como oportunidades para o progresso económico, cultural e político, e reconhecendo os benefícios potenciais do multilinguismo para o desenvolvimento individual e coletivo.

Importação e Exportação de Línguas Estrangeiras

A noção de língua como recurso é particularmente pertinente no contexto da aprendizagem de línguas estrangeiras, abrangendo tanto as línguas ensinadas em países onde não são oficiais ou maternas, como as línguas faladas por imigrantes nos países de acolhimento. Em ambos os casos, surge a questão: por que promover o ensino e aprendizagem de determinada língua? ⁴

Escolas, comunidades e os governos, através dos sistemas oficiais de ensino, têm de forçosamente decidir que línguas estrangeiras promover - ou importar. Os governos, em particular, têm um papel crucial neste processo, podendo optar por dar prioridade a línguas de relevância estratégica para o país, a fim de desenvolver competências linguísticas e interculturais entre a população, e melhorar a sua competitividade no âmbito global. Essas

³ Ruiz (1984).

⁴ Payne (2007).

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

decisões podem ser baseadas em fatores como posição geográfica, relações diplomáticas ou interesses económicos.

Por outro lado, a procura por uma língua específica pode impulsionar a promoção - ou, a exportação - dessa língua pelos países onde é oficial ou materna. Esses países podem adotar estratégias como a promoção da cultura no estrangeiro, a criação de instituições e programas de ensino, estímulo ao comércio e investimento, a fim de aumentar o interesse e a aprendizagem da sua língua no cenário global. Considerando fatores como a procura pela língua, a presença de comunidades imigrantes e diáspora, a relevância geopolítica e económica da língua e a disponibilidade de recursos, os países podem efetivamente expandir sua influência linguística e cultural no mundo.

Desta forma, podemos perspetivar as línguas estrangeiras a partir de dois pontos de vista: a dos países onde são ensinadas como um produto importado (como é o caso da China, onde se tem demonstrado um interesse dos falantes em aprender a língua portuguesa e um compromisso dos governos e instituições em criar condições para o seu ensino) e a dos países onde são oficiais e/ou maternas, como um produto exportado (como no caso dos países lusófonos, que promovem o ensino da língua portuguesa além fronteiras, por exemplo, através de programas de leitorado ou de promoção da cultura). Esta dinâmica de importação e exportação cria então um mercado linguístico global, no qual as línguas competem entre si por falantes e recursos, e o valor de cada língua é determinado pelos benefícios que trazem e pela sua relevância no cenário internacional, estando frequentemente ligados às ações e decisões políticas, bem como às estratégias de planeamento linguístico, adotadas pelos atores envolvidos.⁵

⁵ Swaan (2001); Calvet (2002); Grin (2003).

Parcerias China-CPLP e o Papel de Macau

O que dizer então do valor do português, à medida que cruza fronteiras e adentra diferentes mercados? Com um amplo número de falantes, projeções de crescimento, representatividade na economia mundial, presença em organizações internacionais, recursos naturais variados e localizações estratégicas, o bloco de países da CPLP é um mercado apetecível para qualquer país que queira aumentar a sua influência internacional, como é o caso da China, país que desde os anos 90 tem desenvolvido “parcerias estratégicas” com múltiplos parceiros, de longo prazo, mutuamente benéficas, e envolvendo cooperação económica, científica, tecnológica, política e cultural entre os países participantes.⁶

A China tinha estabelecido até 2022 110 parcerias estratégicas com países e organizações regionais, incluindo 7 dos 9 países da CPLP: Angola, Portugal, Brasil, Timor-Leste, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. A China concentrou-se principalmente em estabelecer parcerias com países em desenvolvimento, incluindo vários membros da CPLP, oferecendo investimentos e ajuda significativos em troca de acesso a recursos naturais e mercados, desenvolvendo o seu "poder brando" e criando uma alternativa ao domínio ocidental e ao desequilíbrio das relações Norte-Sul. Por outro lado, a China também mantém um forte interesse nos países desenvolvidos, como é o caso da União Europeia e dos seus membros, que se tornaram uma peça cada vez mais importante para a China em termos económicos e estratégicos, especialmente após as crises financeiras e sucessivas tensões diplomáticas com os Estados Unidos.

Também a Iniciativa “Faixa e Rota” (BRI), lançada em 2013, tem sido um impulso decisivo para as ambições da China no cenário global. Esta iniciativa é uma estratégia global que visa encurtar a distância entre mercados e centros de produção, respeitando fronteiras soberanas e promovendo políticas de desenvolvimento mútuo, centrada no estabelecimento de parcerias internacionais em áreas como energia, transporte,

⁶ Ferreira & Madeira (2020); Li & Vicente (2020); Reto *et al.* (2012, 2016, 2020).

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

telecomunicações e infraestruturas. As relações entre a China e os países da CPLP estão alinhadas aos princípios da BRI. Até 2020, a China já havia assinado documentos de cooperação no âmbito da BRI com oito dos nove países de língua oficial portuguesa, faltando apenas o Brasil assinar um acordo por escrito nesse contexto.⁷

O Fórum de Macau, criado em colaboração com os nove países de língua oficial portuguesa, tem como objetivo consolidar o intercâmbio económico e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. Este mecanismo multilateral de cooperação intergovernamental também busca dinamizar o papel de Macau enquanto plataforma de cooperação e fomentar o desenvolvimento comum da China, dos países de língua portuguesa e da RAEM. Macau faz parte da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau (GBA), um plano de desenvolvimento estratégico que engloba nove municípios da província de Guangdong, Hong Kong e Macau. A posição de Macau na GBA oferece aos países de língua portuguesa um enorme potencial na região, e o interesse da China em projetar este projeto internacionalmente fortalece a posição do Fórum de Macau como intermediário entre a RPC e a CPLP.

História do Ensino de Português na China

Portanto, estando clara a razão do interesse da China no bloco de países da CPLP, e, por conseguinte, na formação de especialistas em língua portuguesa, como se tem desenvolvido o ensino e a importação do português no país?

O ensino oficial e sistemático de línguas estrangeiras na China começou no século XIX, quando o país foi forçado a abrir-se à influência do Ocidente após a Guerra do Ópio. Esse processo visava o desenvolvimento económico e militar e o contacto com línguas estrangeiras, principalmente o inglês. Apesar dessa abertura, a China buscava preservar os seus valores tradicionais, evitando uma invasão cultural. Surgiu então o ‘Movimento de

⁷ Leandro & Duarte (2020); Mendes & Gagliano (2020).

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

Auto-Fortalecimento’, defendendo o estudo da China pela moralidade e o Ocidente pela utilidade. Já à época, a introdução do ensino de línguas estrangeiras nas escolas chinesas era orientada por prioridades nacionais. Esta visão instrumentalista e pragmática persiste no planeamento linguístico do Estado chinês quanto ao ensino de línguas estrangeiras, cuja importação serve uma função clara.⁸

O ensino do português na China teve início na segunda metade do século XX.⁹ A "Nova China", nascida em 1949, buscava afirmar a sua legitimidade internacional e tinha a União Soviética como modelo. A parceria com a URSS fomentou a necessidade de tradutores e intérpretes de língua russa. Porém, com a cisão entre a China e a União Soviética na década de 1950, a China virou-se para outros territórios e outras línguas estrangeiras, incluindo o português, tendo começado a buscar relações com nações do ‘Terceiro Mundo’, incluindo colónias portuguesas em África e países como o Brasil, o que criou a necessidade de especialistas em língua portuguesa.

A China precisava de profissionais fluentes em português para atuar como tradutores, intérpretes, diplomatas, editores, jornalistas e repórteres. Essa procura levou ao surgimento dos primeiros cursos de língua portuguesa na China moderna, aproveitando especialmente alunos e estudantes que já tinham conhecimento em outras línguas, como inglês, espanhol e russo. Daí resultou, em 1960, a criação do primeiro curso oficial de português na China, uma graduação de quatro anos no Instituto de Radiodifusão de Pequim (IRP), hoje Universidade de Comunicação da China, a que se seguiriam outros cursos.

Porém, a eclosão da Revolução Cultural em 1966 trouxe um revés ao ensino de línguas estrangeiras, visto que os estudantes foram forçados a abandonar os estudos e adotar outras prioridades. Se até aí o pêndulo da educação em línguas estrangeiras na China oscilava no sentido da crença de que a proficiência em línguas estrangeiras auxiliava na modernização do país, com a Revolução Cultural o pêndulo voltou a oscilar no sentido

⁸ Adamson (2002).

⁹ Li (2012, 2015, 2018).

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

inverso, do medo de que essas línguas podiam comprometer os ideais do Partido Comunista Chinês.

Assim, após a interrupção dos cursos de português em 1966, houve uma reabertura de cursos já nos anos 70 em algumas instituições, tal como o envio de estudantes chineses para o exterior, nomeadamente para Moçambique. Ainda assim, o ensino do português na China parecia não ganhar expressividade. Até o fim do século XX, o português no ensino superior chinês era considerado um nicho, com poucas instituições oferecendo cursos da língua e o recrutamento de alunos feito diretamente pelas universidades, sem necessidade de exames nacionais.

O novo milénio trouxe o grande ponto de viragem, impulsionado por uma combinação de fatores políticos, económicos e sociais.¹⁰ Primeiramente, o "Plano de Ação para a Revitalização da Educação Face ao Século XXI", lançado em 1999, promoveu o ensino superior na China e incentivou a criação de novos cursos, incluindo o português, que apresentava altas taxas de empregabilidade à época. Em seguida, a entrada da China na Organização Mundial do Comércio, em 2001, aumentou drasticamente a necessidade de profissionais especializados em várias línguas estrangeiras, incluindo o português. Posteriormente, a criação do Fórum de Macau em 2003 facilitou o intercâmbio comercial entre a China e os países lusófonos, gerando ainda mais interesse na aprendizagem do português, que continua a garantir emprego a quem decide aprender a língua.

Esses fatores, juntamente com a política externa chinesa de abertura ao mundo, o crescente interesse no mercado interno dos países de língua portuguesa, e o desenvolvimento do ensino superior contribuíram para a expansão rápida do ensino do português na China, associadas a políticas do governo chinês que não necessariamente promoviam a língua portuguesa de forma específica e explícita, mas criaram condições para a sua expansão.

¹⁰ Liu (2017).

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

Dados recentes do ensino de português na China

Após esta breve exploração histórica, apresentamos de seguida dados atuais do ensino do português na China, nomeadamente números de instituições, professores e alunos, resumidos inicialmente em lista e depois brevemente detalhados em texto. Os números oferecidos, embora representem estimativas aproximadas, proporcionam uma visão clara das dimensões da presença da língua portuguesa nas universidades chinesas.¹¹

- 64 instituições com oferta de português atual ou no passado:
 - 31 a 43 com cursos conferentes de grau (licenciatura ou bacharelato);
 - 10 com mestrado (metade em Macau);
 - 4 com doutoramento (todas em Macau);
 - 4-11 apenas com cursos opcionais/não conferentes de grau;
 - 6 com cursos em processo de abertura ou muito recentemente abertos;
 - 5 com cursos atualmente suspensos.

Começando pelos números de instituições de ensino superior, o número global de 64 instituições identificadas no nosso estudo inclui todas aquelas, de que temos conhecimento, que oferecem ou já ofereceram no passado cursos de português. A grande maioria, de 31 a 43 universidades, oferece curso conferente de grau, seja de licenciatura de 4 anos (ou *major*), ou de bacharelato de 3 (ou *minor*). Esta amplitude de valores resulta precisamente do recurso a fontes diversas, mas permite-nos ter uma visão panorâmica do número de universidades que já oferecem português no âmbito de cursos conferentes de grau. Em relação à oferta de cursos pós-graduados são 10 as que oferecem mestrados - 5 no continente e 5 em Macau - e, por enquanto, apenas instituições localizadas em Macau oferecem doutoramentos.

Para além destas universidades com cursos conferentes de grau, existem de 4 a 11 instituições com cursos opcionais - portanto português como língua adicional, ou como

¹¹ Castelo & Ye (2020); Jatoba (2020); Pires (2022); dados disponibilizados pelas Embaixadas de Portugal e do Brasil em Pequim.

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

cadeira opcional - que não conferem grau. Frequentemente, estas cadeiras opcionais são uma espécie de projeto piloto de oferta de português nas instituições, já que muitas delas abrem também as suas licenciaturas posteriormente. Ainda identificámos 6 universidades que muito recentemente abriram os seus cursos de português, ou se encontravam à data da recolha dos dados em processo de abertura. Por fim, deste universo de 64, pela nossa contagem, há 5 que estão atualmente suspensos, isto é, já tiveram curso de português, mas, entretanto, essa oferta não se encontra ativa.

Olhemos de seguida para os números de alunos e professores:

- Total de alunos: entre 5100 e 6400 (2000 em Macau)
 - Licenciatura: entre 3000 e 4500 (1100 em Macau)
 - Bacharelato e Opcionais: entre 1800 e 2300 (700 em Macau)
 - Mestrado e Doutoramento: cerca de 220 (200 em Macau)

- Total de professores: cerca de 350.
 - Professores chineses: cerca de 200 (cerca de 40 em Macau)
 - Professores estrangeiros: entre 150 e 160 (cerca de 100 em Macau)

De acordo com as fontes consultadas, é possível falar de um número total de alunos entre os 5100 e 6400, dos quais 2000, ou cerca de um terço, em Macau. O número de 5000 estudantes de português na China tem sido já há alguns anos publicitado nas redes e meios de comunicação social, e esse número parece-nos realista. A distribuição dos alunos por grau de ensino é coerente com a oferta de cursos que verificámos no ponto anterior, com a maioria dos alunos a frequentar cursos de licenciatura, mas com um número considerável matriculado em cursos de bacharelato ou com português como cadeira opcional. É também de destacar a proporção elevada de alunos para o número reduzido de universidades macaenses. Por fim, sublinhamos novamente que estes números se restringem apenas ao ensino superior, e que seriam muito superiores se incluíssemos todos aqueles que frequentam cursos no ensino primário e secundário de Macau, assim como os cursos livres do IPOR e outros promovidos pelo governo da RAEM.

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

Por fim, falando do número atual de professores de português no ensino superior na China neste momento, rondam os 350, dos quais cerca de 200, representando pouco mais da metade, são locais, isto é, chineses (em larga maioria na China Continental). Os restantes são estrangeiros, estando a grande maioria em Macau, sobretudo professores portugueses e brasileiros nas universidades de Macau. De acordo com um relatório da Universidade Politécnica de Macau¹², os professores chineses são na sua maioria jovens, tanto em idade como em experiência letiva, mas cada vez mais bem qualificados, com doutoramento ou em processo de obter este grau. Quanto aos professores estrangeiros, estes também são jovens, maioritariamente falantes nativos de português europeu, e têm normalmente como habilitação o mestrado, e em alguns casos, o doutoramento.

Oportunidades de crescimento

A crescente procura pela língua portuguesa na China abre uma série de oportunidades para as universidades e instituições de educação dos países de língua portuguesa. Esta tendência favorece a expansão de atividades académicas e culturais ligadas à língua portuguesa, especialmente considerando o elevado número de docentes interessados em avançar seus estudos, assim como de universidades e, em particular, departamentos de língua portuguesa, que procuram qualificar o seu corpo docente. Esta tendência sugere a necessidade de universidades lusófonas oferecerem programas de pós-graduação específicos para estudantes chineses, abrangendo áreas tão diversas como negócios estrangeiros, comércio internacional, turismo, meio ambiente, novas tecnologias e literaturas e culturas lusófonas.

Considerando também a juventude dos professores, sobretudo os locais, existe um grande potencial para formação contínua, como cursos de capacitação e *workshops*, e parcerias para mobilidade entre professores e criação de redes de apoio entre docentes

¹² Castelo & Ye (2020).

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

mais experientes e os que estão no início de carreira. A oferta de programas específicos de pós-graduação seria ainda fortalecida e enriquecida pelo desenvolvimento de iniciativas de intercâmbio acadêmico entre as universidades dos países lusófonos e da China, nomeadamente através da realização de conferências, simpósios e *workshops*.

Pensando a médio e longo prazo, seria importante também a criação de centros de estudos lusófonos ou institutos de língua portuguesa nas universidades chinesas. As universidades chinesas demonstram grande abertura para colaboração internacional, valorizando a reputação que isso lhes confere. Para além disso, o envolvimento de parceiros locais é crucial em qualquer iniciativa na China, já que a colaboração estreita com agentes chineses permite entender as necessidades do público-alvo, facilita o acesso a mercados diversos, como é o caso do ensino básico e secundário, e assegura a conformidade com leis e regulamentações locais. Este aspeto é particularmente desafiador para os estrangeiros na China, mas é essencial para o sucesso de tais iniciativas.

Para a implementação bem-sucedida dessas iniciativas, é também propício o estabelecimento de parcerias e sinergias entre diferentes organismos dos países lusófonos, não apenas para promover a língua e a cultura, mas também para trazer benefícios económicos - um exemplo disso, entre muitos, seria a colaboração estreita com instituições de áreas diferentes como o Turismo de Portugal e o AICEP. Seria igualmente importante um plano conjunto entre os países da CPLP para partilhar informações, experiências, melhores práticas e oportunidades, especialmente em relação à China. Essa colaboração ajudaria a fornecer dados mais precisos e rigorosos.

Em suma, esperamos que a análise do dinamismo da língua portuguesa no ensino superior na China, sob a perspetiva da sua importação e exportação, evidencie o valor do português como um ativo de grande valia nas relações sino-lusófonas. Os dados estatísticos apresentados refletem não apenas um crescimento contínuo no ensino do português, mas também um aumento na procura por programas de intercâmbio e colaboração académica. É imperativo que todos os agentes envolvidos reconheçam plenamente estas oportunidades e se empenhem na busca de estratégias mais eficazes para as capitalizar,

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

contribuindo assim para a plena realização do potencial global da língua portuguesa, não só na China, mas em todo o mundo.

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

Referências Bibliográficas

Adamson, B. (2002). Barbarian as a foreign language: English in China's schools. *World Englishes*, 21(2), 231–243. <https://doi.org/10.1111/1467-971x.00244>

Calvet, L.-J. (2002). *Le marché aux langues: Les effets linguistiques de la mondialisation*. Plon.

Castelo, A., & Ye, S. (2020). Capítulo II – Retrato atual do ensino e certificação de PLNM no ensino superior da China. In Z. Yunfeng, I. Poço Lopes, & A. Castelo (Coord.), *Livro Azul - Relatório sobre o Ensino do Português em Instituições de Ensino Superior da China (1960-2020)* (pp. 21-72). Universidade Politécnica de Macau. <http://hdl.handle.net/10400.2/13054>

Cooper, R. L. (1989). *Language Planning and Social Change*. Cambridge University Press.

Ferreira, I. S., Madeira, J. P. (2020). China and the Great Urban Projects in Cabo Verde. In F. Leandro, P. Duarte, P. (eds), *The Belt and Road Initiative* (pp. 343-388). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-15-2564-3_14

Grin, F. (2003). *Language Policy Evaluation and the European Charter for Regional or Minority Languages*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/9780230502666>

Jatobá, J. R. (2020). *Política e Planejamento Linguístico na China: Promoção e Ensino da Língua Portuguesa* [Tese de Doutorado, Universidade de Macau]. Proquest.

Kaplan, R. B., & Baldauf, R. B., Jr. (1997). *Language Planning from Practice to Theory*. Multilingual Matters.

Leandro, F. J. B. S., & Duarte, P. A. B. (2020). The Ultimate European Border: The Belt and Road Initiative Discovers Portugal. In F. Leandro, P. Duarte, P. (eds), *The Belt and Road Initiative* (pp. 363-388). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-15-2564-3_15

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

Li, C. (2012). Ensino da língua portuguesa na República Popular da China durante a década de 60 do século XX. In Choi W. H. & Zhao H. (Eds.), *Atas do 1.º Fórum Internacional de Ensino de Língua Portuguesa na China*. Instituto Politécnico de Macau.

Li, C. (2015). Nova expansão da língua portuguesa na China. In C. A. André & LI C. (Eds.), *Actas do 2.º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China* (pp. 51-74). Instituto Politécnico de Macau.

Li, C. (2018). Inspiração histórica: o ensino da língua portuguesa e a China moderna. In C. A. André, R. Pereira, & L. Inverno (Eds.), *Actas do 4.º Fórum Internacional do Ensino de Língua Portuguesa na China* (pp. 3-22). Instituto Politécnico de Macau.

Li, Y., & Vicente, M. B. (2020). The Chinese Partnerships and “the Belt and Road” Initiative: A Synergetic Affiliation. In F. Leandro, P. Duarte, P. (eds), *The Belt and Road Initiative* (pp. 203–235). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-15-2564-3_9

Liu, G. (2017). Estratégias Utilizadas por Aprendentes de Português Língua Estrangeira: Estudantes Universitários Falantes de Língua Materna Chinesa [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório ULisboa.

Mendes, C. A., & Gagliano, L. (2020). The Belt and Road Initiative: A New Platform in EU-China Cooperation? In F. Leandro, P. Duarte, P. (eds), *The Belt and Road Initiative* (pp. 239–253). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-15-2564-3_10

Payne, M. (2007). Foreign language planning: Towards a supporting framework. *Language Problems Language Planning*, 31(3), 235–256. <https://doi.org/10.1075/lplp.31.3.03pay>

Pires, M. D. (2022). Português na China: os números do ensino superior. *Revista Thema*, 21(3), 602–614. <https://doi.org/10.15536/thema.v21.2022.602-614.2442>

Reto, L. A. (Coord.) (2012). *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Texto Editora.

Universidade Aberta
Dia Mundial da Língua Portuguesa – 5 de maio de 2023

Reto, L. A., Machado, F. L., & Esperança, J. P. (2016). *Novo Atlas da Língua Portuguesa*. Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

Reto, L., Crespo, N., & Esperança, J. P. (2020). *A língua portuguesa como ativo global*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Ruíz, R. (1984) Orientations in Language Planning. *NABE Journal* 8(2), 15-34.
<http://dx.doi.org/10.1080/08855072.1984.10668464>

Spolsky, B. (2004). *Language Policy*. Cambridge University Press.

Spolsky, B. (2009). *Language Management*. Cambridge University Press.

Spolsky, B. (2014). Language management in the People's Republic of China. *Language*, 90(4), 165-179. <https://doi.org/10.1007/s10993-013-9284-9>

Swaan, A. de. (2001). *Words of the World*. Oxford: Polity.